

A Semana Santa e a piedade popular

Existe um jeito, um lugar, momento muito especial no qual as comunidades podem aprender a viver a piedade popular do povo na Semana Santa. Ela merece ser vivida em clima de oração pessoal, comunitária, com profundo esforço de conversão e maior dedicação fraterna. É o que nos aponta o saudoso Papa Paulo VI: **“Se há uma liturgia que deveria encontrar-nos todos juntos, atentos, solícitos e unidos para uma participação plena, digna, piedosa e amorosa, esta é a liturgia da grande semana”**. Por um motivo claro e profundo: o Mistério Pascal, que encontra na Semana Santa a sua mais alta e comovida celebração, não é simplesmente um momento do Ano Litúrgico: A Semana Santa é a fonte de todas as outras celebrações do próprio Ano Litúrgico, porque todas se referem ao mistério da Paixão, Morte e gloriosa Ressurreição.

Conhecendo um pouco...

A Via-Sacra ou Via-Crucis, valiosa expressão da devoção popular, é uma criação dos cristãos, inspirada na paixão de Cristo, que se humilhou até a morte de cruz, mas ressuscitou para a vida plena. Nela as pessoas contemplam, falam, caminham, cantam, fazem silêncio, ajoelham-se.

A Via-Sacra penitencial, com a dinâmica dos gravetos, precisa ser preparada. É bom que aconteça à noite. Deve-se preparar uma cruz tosca de madeira, montes de gravetos (gravetos para cada pessoa) - que serão colocados ao longo do percurso -, cantos, velas para cada participante.



Em cada parada, a pessoa que sentir algum pecado à luz do exame de consciência, apanha um graveto e assim por diante. No final, realiza-se a Celebração da Reconciliação, de acordo com o Ritual da Penitência. Os gravetos recolhidos nas paradas são colocados num único monte, em local apropriado, de modo que as pessoas ficam ao redor da fogueira, encimada pela cruz que acompanhou a Via-Sacra. No final da celebração, coloca-se fogo nos gravetos junto com a cruz, enquanto se canta “vitória, tu reinarás...” É significativo concluir a celebração com o gesto da paz.

O exame de consciência é muito importante em cada estação. Para isso, quem conduz, conhecendo a reflexão da referida parada, procura relacionar o que foi meditado com o cotidiano. Seguem-se as perguntas do exame de consciência.

No início da Via-Sacra, faz-se a leitura de Mateus 27,15-26. Após a leitura, clima de reflexão, com silêncio, recolhimento, oração.



A **procissão do encontro**, em muitas regiões, acontece na Quarta-feira Santa, à noite: existe uma tradição muito antiga e comovente que a maior parte das cidades do interior (e muitas outras da área urbana do Brasil) faz: uma verdadeira experiência de fé do povo de Deus. É a procissão do encontro entre Nossa Senhora das Dores e o Bom Senhor Jesus dos Passos.

As mulheres fazem uma procissão carregando a imagem de Nossa Senhora das Dores, com cantos penitenciais, com as figuras bíblicas das mulheres piedosas, como Verônica, que teria enxugado o rosto de Jesus com a toalha, na qual ficou estampada a sua face; Maria Madalena e outras mulheres que acompanharam a caminhada de Jesus para o Calvário.



Outra procissão é feita pelos homens, que carregam a imagem do Senhor dos Passos, figura de Jesus Cristo corado de espinhos, carregando uma cruz. Num determinado local, acontece o encontro das procissões e das imagens. Nesse encontro, relatam-se as cenas que recordam o que aconteceu na Sexta-feira Santa e pode ser feito apelo à conversão, recordando a dramática dor de Nossa Senhora e das Dores e o sofrimento de Jesus, sua condenação, Paixão, crucificação e morte na cruz. Eis o sentido do que significa “viver a procissão do encontro na Semana Santa”: é celebrar as dores e as tristezas das pessoas, das comunidades e da sociedade entre acontecimentos que marcam a vida do povo, vivendo com Cristo, que supera todas as dores.

Fazer memória do mistério do amor de Deus que se manifestou na entrega confiante de Jesus Cristo ao Pai, até a morte na cruz, para testemunhar a sua missão, significa celebrar o mistério do amor de Deus, que sustentou Jesus em seu calvário e o ressuscitou, glorificando-o e fazendo-

o sentar-se no lugar mais elevado à direita, da qual foi constituído Cristo, Messias e Senhor de toda história.

“Viver e celebrar a procissão do encontro” significa fazer memória dessas ações maravilhosas de Deus. Mais, é saber que estamos “re-vivendo” todos estes fatos. *“De geração em geração, cada um de nós é obrigado a ver a si próprio, com os olhos penetrantes da fé, como tendo ele mesmo estado lá no Calvário, na primeira Sexta-feira Santa, e diante do sepulcro vazio, na manhã da ressurreição. Hoje, todos nós, aqui reunidos para celebrar a Eucaristia, estávamos lá, prontos a morrer na morte de Cristo e a ressuscitar em sua ressurreição. Será exatamente nossa comunhão com o corpo sacramental do verdadeiro Cordeiro que nos tornará realmente presentes àquele eterno presente”* (Césare Giraudo, *Redescobrimo a Eucaristia*. São Paulo, Loyola, 2002, p. 83).



Esse mistério de doação total é tão agradável e aceito por Deus que, logo ao vê-lo, não pode deixar de compadecer-se de nós e derramar sua compaixão sobre todos os que estão verdadeiramente caminhando com Nossa Senhora das Dores e Nosso Senhor dos Passos, para a páscoa definitiva. É, além disso, um sacrifício eterno do encontro com Cristo. Não é oferecido apenas uma vez por ano (como acontecia entre os judeus), mas a cada dia para o nosso sustento na fé, e, ainda mais, a cada hora e a cada momento, para nosso conforto e alegria espiritual.

São Gregório de Nazianzeno, bispo do séc. IV, em uma homilia, nos deu uma dica sobre como “viver a Semana Santa”. *“Se és **Simão Cireneu**, toma a cruz e segue a Cristo. Se, qual o **ladro**, estás crucificado com Cristo, como homem íntegro, reconhece a Deus. Adora aquele que foi crucificado por tua causa. Se és **José de Arimatéia**, pede o corpo a quem o mandou crucificar; e assim será tua a vítima que expiou o pecado do mundo. Se és **Nicodemos**, aquele adorador noturno de Deus, unge-o com perfumes para a sua sepultura. Se és **Maria, ou a outra Maria, ou Salomé, ou Joana**, derrama tuas lágrimas por ele. **Levanta-te de manhã cedo, procura ser o primeiro a ver a pedra do túmulo afastada, e a encontrar talvez os anjos, ou melhor ainda, o próprio Jesus”** (Liturgia das Horas, vol. II, p. 353).*



Nas manifestações expressas na piedade popular da Sexta-feira Santa, além da via-sacra, entra em evidência a procissão do **“Cristo morto”** ou **“Procissão do Enterro”** ou **“Procissão do Senhor morto”** durante a qual predomina o silêncio e a luz das tochas e das velas, que os fiéis transportam. Essa procissão representa a maneira própria da piedade popular, o pequeno cortejo de amigos e discípulos que, após ter tirado da cruz o corpo de Jesus, o levaram ao lugar em que havia o “túmulo escavado na rocha, onde ninguém ainda tinha sido sepultado” (Lc 23,53). O Senhor segue, numa imagem que o representa acabado de descer da cruz. Esse ato religioso foi estabelecido, em Portugal, nos séculos XV e XVI, passando a integrar as celebrações tradicionais da Semana Santa.

Que ao vivenciarmos esses momentos, que expressam de forma tão profunda a fé do nosso povo, possamos ser agraciados no encontro com Cristo, que nos amou até o fim, e contemplar o seu Mistério Pascal.

